

SUMÁRIO

Prefeitura de Birigui - SP
Supervisor de Ensino

LÍNGUA PORTUGUESA

Compreensão e interpretação de textos	1
Questões	6
Gabarito.....	14

CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS

AZENHA, Maria da Graça. Construtivismo: De Piaget a Emilia Ferreiro. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000	1
COLL, César. O construtivismo na sala de aula. São Paulo. Editora Ática, 1999	3
DIVERSOS AUTORES. Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais à doença de indivíduos. Conselho Regional de Psicologia, Grupo Interinstitucional Queixa Escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010	6
Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999	9
FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler – em três artigos que se completam. São Paulo. Cortez, 1991 – Coleção Polêmicas do nosso tempo – volume 4. 26ª Edição ..	9
GANDIN, Danilo. Planejamento como prática educativa. 19. ed. São Paulo: LOYOLA EDICOES, 2011.....	22
HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A Organização do Currículo por projetos de trabalho. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998	25
IMBERNÓN, Francisco. Formação Docente e Profissional – Formar-se para a mudança e a incerteza. 3ª Edição. São Paulo. Cortez, 2002	28
KOLL, Marta de Oliveira. Vigotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010	31
MANTOAN, Maria Tereza Egler. Pensando e Fazendo Educação de Qualidade. São Paulo: Moderna, 2001	34
MORAIS, Regis. Violência e Educação. Campinas: Papirus, 1995. Campinas: Papirus, 2000	36
MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo, Cortez, 2002	39
PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000	40
RIOS, Terezinha Azerêdo. Ética e competência. 20. ed., São Paulo: Cortez, 2011	40

SUMÁRIO

SUMÁRIO



SEBER, Maria da Glória. Piaget: O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio. São Paulo: Scipione, 1997	43
SCHLIEMANN, Ana Lúcia. Na vida dez, na escola zero. Cortez. 2010	46
SZYMANSKI, Heloísa. Encontros e Desencontros na relação família-escola. In; Idéias 28, p. 213 a 225. São Paulo: FDE, 1997	49
VEIGA, Ilma P.A. (org). O Projeto político pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 2000	51

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

ALVES, Nilda (coord.). Educação e Supervisão: o trabalho coletivo na escola. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.F	1
ALVES, Cecília Pescatore; SASS, Odair. Formação de Professores e Campos do Conhecimento 1ª Edição. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2004	4
BRASIL. Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil. Vol. I, II, III .1998. Parâmetros Curriculares Nacionais. vol. 1 a 10. Brasília: MEC/SEF, 1998.....	8
Ministério da Educação. Subsídio para a gestão dos sistemas educacionais inclusivos-Brasília: SEESP, 2004	12
Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Marcos Políticos Legais da Educação especial na Perspectiva da educação Especial. Brasília; Secretaria de Educação Especial, -2010. 72p.....	16
CAPPELLETTI, Isabel (org.) A Avaliação Educacional: Fundamentos e Práticas. 2ª EdiçãoCampinas. Papirus, 2001	19
FERREIRA, Naura Syria C. (org). Supervisão educacional para uma escola de qualidade. São Paulo. Cortez. 1999	22
CHRISPINO, Álvaro. Gestão do Conflito Escolar: Da Classificação dos Conflitos aos Modelos de Mediação. In Revista Ensaio: aval. pol. públ. educ. Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, jan./mar. 2007	23
FERREIRA, Naura Syria Carapeto & AGUIAR, Márcia Ângela da S. (org.) Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos. 2ª edição. São Paulo. Cortez Editora, 2002	24
FURLLAN, M; HARGREAVES, A. A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade. Porto Alegre: ArtMed, 2000	27
GIANCATERINO, Roberto. Supervisão escolar e gestão democrática. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2010	27
HOFFMAN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre. Mediação, 1998.....	30
Hora de trabalho pedagógico coletivo (HTPC). Cartas aos professores coordenadores pedagógicos: dilemas da prática cotidiana, São Paulo: SE/CENP,1999.....	33
IMBERNÓN, Francisco. Formação Docente e Profissional – Formar-se para a mudança e a incerteza. 3ª Edição. São Paulo. Cortez, 2002.....	37
LUCK, Heloísa. Gestão da Cultura e do Clima Organizacional da Escola. Petrópolis: Vozes2010.....	41
	44

SUMÁRIO

SUMÁRIO



MARZANO, Robert J.; PICKERING, Debra J.; POLLOCK, Jane E. O ensino que funciona: estratégias baseadas em evidências para melhorar o desempenho dos alunos. Porto Alegre: Artmed, 2008	47
MEDINA, Antonia da Silva. Supervisão escolar – da ação exercida à ação repensada. Porto Alegre. Ed. Age. 2002	48
PARO, Vitor Henrique. Administração Escolar: Introdução Crítica. Ed. Cortez, 2008....	51
POSSANI, Lourdes de Fátima Paschoaletto; ALMEIDA, Júlio Gomes; SALMASO, José Luis (orgs) Ação Supervisora: tendências e práticas. Curitiba: CRV, 2012	55
RANGEL, Mary; FREIRE, Wendel. Supervisão escolar: avanços de conceitos e processos. Rio de Janeiro. Ed. Wak, 2010.....	56
RANGEL, Mary (org.). Supervisão e gestão na escola – conceitos e práticas de mediação. 3ª ed. Campinas: Papyrus, 2013. . Supervisão Pedagógica – princípios e práticas. 9ª ed. Campinas: Papyrus, 2001	57
SILVA JR, Celestino Alves da & RANGEL, Mary (org.). Nove Olhares sobre a Supervisão. 13ª edição . Campinas. Papyrus Editora, 2007	61
VASCONCELLOS, Celso dos S. Coordenação do Trabalho Pedagógico – Do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. 4ª edição. São Paulo. Editora Libertad, 2002.....	62
Questões	63
Gabarito.....	70

SUMÁRIO



DIFERENÇA ENTRE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

A compreensão e a interpretação de textos são habilidades interligadas, mas que apresentam diferenças claras e que devem ser reconhecidas para uma leitura eficaz, principalmente em contextos de provas e concursos públicos.

Compreensão refere-se à habilidade de entender o que o texto comunica de forma explícita. É a identificação do conteúdo que o autor apresenta de maneira direta, sem exigir do leitor um esforço de interpretação mais aprofundado. Ao compreender um texto, o leitor se concentra no significado das palavras, frases e parágrafos, buscando captar o sentido literal e objetivo daquilo que está sendo dito. Ou seja, a compreensão é o processo de absorver as informações que estão na superfície do texto, sem precisar buscar significados ocultos ou inferências.

► Exemplo de compreensão:

Se o texto afirma: “Jorge era infeliz quando fumava”, a compreensão dessa frase nos leva a concluir apenas o que está claramente dito: Jorge, em determinado período de sua vida em que fumava, era uma pessoa infeliz.

Por outro lado, a **interpretação** envolve a leitura das entrelinhas, a busca por sentidos implícitos e o esforço para compreender o que não está diretamente expresso no texto. Essa habilidade requer do leitor uma análise mais profunda, considerando fatores como contexto, intenções do autor, experiências pessoais e conhecimentos prévios. A interpretação é a construção de significados que vão além das palavras literais, e isso pode envolver deduzir informações não explícitas, perceber ironias, analogias ou entender o subtexto de uma mensagem.

► Exemplo de interpretação:

Voltando à frase “Jorge era infeliz quando fumava”, a interpretação permite deduzir que Jorge provavelmente parou de fumar e, com isso, encontrou a felicidade. Essa conclusão não está diretamente expressa, mas é sugerida pelo contexto e pelas implicações da frase.

Em resumo, a compreensão é o entendimento do que está no texto, enquanto a interpretação é a habilidade de extrair do texto o que ele não diz diretamente, mas sugere. Enquanto a compreensão requer uma leitura atenta e literal, a interpretação exige uma leitura crítica e analítica, na qual o leitor deve conectar ideias, fazer inferências e até questionar as intenções do autor.

Ter consciência dessas diferenças é fundamental para o sucesso em provas que avaliam a capacidade de lidar com textos, pois, muitas vezes, as questões irão exigir que o candidato saiba identificar informações explícitas e, em outras ocasiões, que ele demonstre a capacidade de interpretar significados mais profundos e complexos.

TIPOS DE LINGUAGEM

Para uma interpretação de textos eficaz, é fundamental entender os diferentes tipos de linguagem que podem ser empregados em um texto. Conhecer essas formas de expressão ajuda a identificar nuances e significados, o que torna a leitura e a interpretação mais precisas. Há três principais tipos de linguagem que costumam ser abordados nos estudos de Língua Portuguesa: a linguagem verbal, a linguagem não-verbal e a linguagem mista (ou híbrida).

► Linguagem Verbal

A linguagem verbal é aquela que utiliza as palavras como principal meio de comunicação. Pode ser apresentada de forma escrita ou oral, e é a mais comum nas interações humanas. É por meio da linguagem verbal que expressamos ideias, emoções, pensamentos e informações.



O livro “Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro” (7ª edição, Editora Ática, 2000), de Maria da Graça Azenha, é uma obra fundamental para compreender os princípios e as aplicações do construtivismo no campo da educação. Voltado especialmente para professores, estudantes de pedagogia e profissionais da área, o texto oferece uma visão ampla sobre as ideias que revolucionaram a forma de pensar a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo infantil.

A autora apresenta uma análise profunda da transição e do diálogo entre dois grandes nomes da psicologia e da educação: Jean Piaget e Emilia Ferreiro. Ao longo do livro, Azenha expõe os conceitos centrais da teoria piagetiana sobre como se dá a construção do conhecimento, abordando temas como estágios de desenvolvimento, assimilação, acomodação e equilíbrio cognitivo. Em seguida, introduz as contribuições de Emilia Ferreiro, que trouxe novas perspectivas ao estudar como as crianças se apropriam da linguagem escrita.

A obra é importante porque aproxima teoria e prática: além de explicar as ideias fundamentais, Azenha demonstra como esses conceitos podem ser aplicados em sala de aula, ajudando o educador a repensar suas práticas e a desenvolver metodologias mais alinhadas ao ritmo de aprendizagem dos alunos.

Principais Temas e Abordagens da Obra

No livro “Construtivismo: de Piaget a Emilia Ferreiro”, Maria da Graça Azenha organiza os conteúdos de forma didática, guiando o leitor pela evolução do pensamento construtivista e pela influência direta desses conceitos na prática pedagógica. A obra apresenta, essencialmente, três grandes eixos temáticos:

As Contribuições de Jean Piaget

Piaget é considerado um dos pioneiros na compreensão de como o conhecimento é construído. Azenha apresenta de forma clara os principais conceitos de sua teoria:

- Estágios do desenvolvimento cognitivo — sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal.
- Assimilação e acomodação — processos complementares pelos quais a criança incorpora novas informações e ajusta seus esquemas mentais.
- Equilibração — o mecanismo que regula a aprendizagem, buscando equilíbrio entre novas experiências e estruturas cognitivas existentes.

Para Piaget, aprender é um processo ativo: a criança não absorve informações passivamente, mas constrói seu próprio conhecimento a partir da interação com o meio.

As Contribuições de Emilia Ferreiro

Baseando-se nos fundamentos piagetianos, Emilia Ferreiro trouxe uma revolução ao estudar a psicogênese da língua escrita. Azenha explica como Ferreiro demonstrou que:

- A criança não aprende a escrever por repetição mecânica, mas por hipóteses que formula sobre o funcionamento do sistema de escrita.
- O desenvolvimento da alfabetização ocorre em etapas: desde o período pré-silábico até a escrita alfabética consolidada.
- O erro não deve ser visto como falha, mas como parte essencial do processo de construção do conhecimento.

Essa abordagem transformou profundamente o modo como os professores trabalham com alfabetização e letramento.



A obra **“Educação e Supervisão: O Trabalho Coletivo na Escola”**, coordenada por **Nilda Alves**, é uma referência fundamental para compreender o papel da **supervisão pedagógica** na construção de **práticas educativas coletivas e participativas**. Lançada originalmente na década de 1980 e atualizada até sua **13ª edição (2014)**, a obra reflete os debates mais recentes sobre **gestão democrática, organização escolar e formação docente**. Surge em um contexto de intensas transformações na educação brasileira, marcado pela consolidação de políticas públicas como a **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96)** e pela busca de modelos de gestão mais inclusivos, que valorizem a **participação da comunidade escolar**. O livro dialoga com as mudanças no papel do supervisor, que deixa de ser visto como **fiscalizador** e passa a assumir a função de **articulador de processos pedagógicos**, promovendo a integração entre professores, gestores, famílias e estudantes.

A coletânea reúne capítulos de diversos autores e pesquisadoras, sob a coordenação de **Nilda Alves**, que apresentam reflexões teóricas, análises críticas e propostas práticas para o fortalecimento do **trabalho coletivo na escola**. O foco principal da obra é repensar o papel da supervisão educacional e da gestão pedagógica, reconhecendo que a escola não pode mais ser organizada por meio de uma **lógica vertical e centralizadora**. As autoras defendem uma perspectiva em que o supervisor, em parceria com coordenadores e professores, atua como **mediador do diálogo**, apoiando o planejamento, a organização curricular e o desenvolvimento de metodologias que favoreçam aprendizagens significativas. A construção de uma escola mais democrática, nesse sentido, só é possível por meio da **participação ativa dos diferentes sujeitos** que compõem a comunidade escolar, estabelecendo relações de confiança e corresponsabilidade.

Outro ponto central da obra é a defesa da **formação continuada** como pilar para transformar a prática pedagógica e fortalecer o trabalho colaborativo. **Nilda Alves** e suas coautoras destacam que o processo educativo exige constante **reflexão sobre as práticas, atualização teórica e análise coletiva dos desafios** enfrentados no cotidiano escolar. Isso significa que o supervisor pedagógico deve criar espaços de escuta e troca entre professores, propor estudos coletivos, acompanhar os processos de ensino-aprendizagem e mediar a relação entre teoria e prática. O livro ressalta que a função supervisora não é apenas técnica ou burocrática, mas **pedagógica e política**, pois está diretamente relacionada à criação de ambientes mais inclusivos, dialógicos e humanizados. Ao propor um olhar crítico e integrado sobre a supervisão escolar, a obra contribui para a construção de uma escola **participativa, formativa e comprometida com a qualidade social da educação**.

Supervisão, Gestão Democrática e Planejamento Participativo

Em **“Educação e Supervisão: O Trabalho Coletivo na Escola”**, **Nilda Alves** apresenta uma compreensão **ampliada e inovadora** sobre o papel da supervisão pedagógica, rompendo com modelos tradicionais que a restringiam à função de **controle, fiscalização e acompanhamento burocrático**. A obra propõe uma nova perspectiva: o supervisor deve ser visto como **articulador do trabalho pedagógico**, atuando em conjunto com professores, coordenadores, gestores e a comunidade escolar para construir práticas coletivas e significativas. Essa concepção desloca o foco da supervisão de um modelo vertical, hierarquizado e autoritário para um **processo colaborativo**, que favorece a **autonomia dos educadores**, o **compartilhamento de saberes** e a **corresponsabilidade na tomada de decisões**. O supervisor, nessa abordagem, assume uma função pedagógica e política, apoiando o desenvolvimento profissional dos professores e contribuindo para a construção de uma escola mais democrática e inclusiva.

A autora defende que a **gestão democrática** da escola é indissociável do trabalho do supervisor. Para Alves e as pesquisadoras da coletânea, a escola deve ser compreendida como um **espaço coletivo de produção de conhecimento**, e não como um ambiente de simples execução de tarefas. Isso exige que as decisões pedagógicas e organizacionais sejam construídas **de forma participativa**, envolvendo todos os atores da comunidade escolar. Nessa lógica, o supervisor atua como mediador entre os diferentes interesses, promovendo o diálogo entre professores, estudantes, gestores e famílias. Ao invés de impor modelos prontos, ele cria condições para que os professores **reflitam criticamente sobre suas práticas**, analisem os resultados